

## CRÍTICA À HIPOCONDRIA MORAL NO ROMANCE *NAUFRÁGIO*, DE JOÃO TORDO<sup>1</sup>

Nelson Eliezer FERREIRA JÚNIOR<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande  
[significante@gmail.com](mailto:significante@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise do romance *Naufrágio* (2022), de João Tordo, sob a perspectiva da hipocondria moral, um conceito baseado nos estudos psicanalíticos de Erich Fromm (1970) sobre o narcisismo e deslocado para a crítica cultural por Natalia Carrillo e Pau Luque (2023). O objetivo é compreender a solidão e as situações-limite como indícios da hipocondria moral no romance. Concentrando-se no protagonista Jaime Toledo, o estudo demonstra como o autocentrismo narcísico e a hiper-reflexão patológica sobre a culpa o isolam, constituindo a hipocondria moral como a verdadeira antagonista da narrativa. Em contraste com a moralidade perfeccionista, o romance reflete sobre a complexidade da vida moral, enfatizando o erro como um vetor inerente à condição humana.

**Palavras-chave:** João Tordo; *Naufrágio*; hipocondria moral.

**Résumé:** L'article analyse le roman *Naufrágio* (2022) de João Tordo à travers le concept d'hypocondrie morale, développé par Fromm (1970) et par Carrillo et Luque (2023). L'objectif est d'interpréter l'isolement des personnages comme une manifestation de narcissisme pathologique. L'étude démontre que l'hyper-réflexion et l'auto-centrage du protagoniste, Jaime Toledo, érigent l'hypocondrie morale en antagoniste principal du récit. En opposition à une moralité perfectionniste, le roman met en évidence la complexité de la vie morale, insistant sur l'erreur comme composante inhérente à la condition humaine.

**Mots-clés:** João Tordo; *Naufrágio*; hypocondrie morale.

### Apresentação

João Tordo se destaca como um nome significativo na literatura portuguesa contemporânea, com uma obra impressionantemente vasta, que inclui vinte romances publicados desde sua estreia em 2004 até 2025. O reconhecimento por seu trabalho vem sendo atestado pelo interesse crescente dos leitores e também por júris especializados, que

---

<sup>1</sup> Uma versão muito incipiente e com diferente enfoque desse artigo foi publicada em “Masculinidades ambivalentes em romances contemporâneos: *Diário da queda*, *Naufrágio* e *Os substitutos*” (Ferreira Júnior, 2025).

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, campus Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

o laurearam com distinções importantes: o Prêmio José Saramago (2009), por *Três Vidas*; o Prêmio Fernando Namora (2021), por *Felicidade*; além de ser, por duas vezes, finalista do Prêmio Oceanos (2019 e 2023). Contudo, percebe-se ainda uma escassez de atenção por parte da crítica brasileira para sua produção, o que pode ser reflexo da circulação limitada de seus romances no país, já que pouquíssimos títulos foram publicados aqui.

Dentre as características de sua escrita, a crítica e o próprio autor destacam o isolamento de suas personagens, que muitas vezes é compreendido como diretamente relacionado ao seu estado melancólico (Fornos, 2021 e 2024). Em entrevista a Barros (2019, p. 186), João Tordo afirma que

A solidão humana é um dos pontos centrais da minha obra. É uma constante dos meus livros, a colocação das personagens numa situação de isolamento da qual dificilmente poderão sair, uma espécie de lugar de purgatório. Talvez eu entenda a experiência humana dessa maneira – um mergulho involuntário no interior daquilo que somos, para emergir do outro lado com outra compreensão, renovados.

Em outra entrevista (FnacPortugal, 2022), o autor reitera que seu processo criativo frequentemente envolve tramas que submetem suas personagens a situações-limite, muitas vezes sem uma solução aparente. Esse artifício narrativo as impele a expor camadas mais profundas de sua psique. Tal ênfase no aprofundamento psicológico é particularmente relevante, uma vez que suas obras podem ser classificadas predominantemente como *romances de personagem*.

A solidão e as situações-limite na obra de João Tordo possibilitam interpretações complementares às que tomam como base a melancolia. Nesse sentido, propomo-nos a observar a recorrência desses temas sob a ótica do *narcisismo* e de sua derivação como *hipocondria moral*. Para isso, concentraremos nossos esforços na leitura do romance *Naufrágio* (2022).

É fundamental esclarecer, contudo, que esta não é uma tentativa de atribuir patologias às personagens como um fim em si. Pelo contrário: esses conceitos serão postos a serviço da compreensão de um projeto estético e político na obra de João Tordo, que se direciona para uma reflexão mais ampla e crucial na contemporaneidade – a complexidade da vida moral.

### **Narcisismo e hipocondria moral**

Em uma releitura de Freud, o psicanalista e filósofo humanista Erich Fromm reflete sobre o âmbito individual e coletivo do narcisismo em *O Coração do Homem* (1964).

Fromm retoma o conceito freudiano, substituindo a concepção de libido pelo conceito de energia psíquica como base para a compreensão do narcisismo como estado original do homem (narcisismo primário). Nesse estado, o indivíduo (o bebê) percebe a si mesmo como única realidade existente.

Entendido como uma função biológica, um certo grau de narcisismo é necessário para a vida adulta. Contudo, a desregulação desse grau leva a patologias, como a psicose (narcisismo absoluto), na qual “a pessoa rompeu toda ligação com a realidade externa e tornou-se, ela própria, o substituto da realidade” (Fromm, 1970, p. 73). Configura-se, assim, um paradoxo: o narcisismo, ao mesmo tempo que é necessário para a sobrevivência, representa também uma ameaça a ela.

Para o psicanalista alemão, o traço comum a qualquer narcisista é a “ausência de interesse genuíno pelo mundo exterior” (Fromm, 1970, p. 73). Isso o impede de escutar os outros, já que o objeto de sua atenção reside em si, seja em sua totalidade ou em um aspecto parcial da personalidade: honra, inteligência, proezas físicas, espirituosidade ou aparência, conforme Fromm exemplifica.

Uma consequência danosa desse narcisismo é o julgamento racional de valor, que se torna tendencioso e distorcido. A objetividade é substituída pela referência ao próprio eu – o que é perfeitamente ilustrado no verso de Caetano Veloso: “Narciso acha feio o que não é espelho”. Quanto a si mesmo, nas palavras de Fromm (1970, p. 82), “o narcisista tende a avaliar suas próprias produções muito elevadamente de qualquer forma, e a qualidade real delas não é decisiva na formulação de tal avaliação”.

Ainda mais perigosa é sua reação à crítica a algo em/de si que foi catexizado. Nesse caso,

A intensidade da sua ira só pode ser plenamente compreendida se se considerar que a pessoa narcisista não se relaciona com o mundo e, em consequência, está sozinha e, por isso, assustada. (...) quando seu narcisismo é ferido, ela se sente ameaçada em toda sua existência. Quando a única proteção contra seu temor, sua auto-inflação, é ameaçada, o pavor surge e resulta em fúria intensa. Essa fúria é tão mais intensa porque nada pode ser feito para diminuir a ameaça por uma ação apropriada – só a destruição do crítico – ou de si mesma – pode salvá-la da ameaça à sua segurança narcisista (Fromm, 1970, p. 82-83).

Uma alternativa para a raiva, ainda segundo Fromm, é a depressão. Afinal, quando o narcisismo do indivíduo é profundamente abalado, a ponto de não conseguir se sustentar, ele experimenta um colapso do ego, que se reflete na depressão. A tristeza profunda sentida na melancolia é, na verdade, um luto pela perda daquela imagem poderosa e inflada de si mesmo que não existe mais.

Há ainda outra alternativa para a ameaça ao narcisismo, “que é mais satisfatória para o indivíduo, conquanto mais perigosa para outros. Consiste na tentativa de transformar a realidade de maneira tal a fazê-la conformar-se, até certo ponto, com sua autoimagem narcisista” (Fromm, 1970, p. 84).

A contribuição de Fromm se torna mais relevante ao ampliar sua percepção para o narcisismo social. Segundo o autor, as coletividades, tal como os indivíduos, dependem de um certo grau de narcisismo para sua sobrevivência. Assim, os sacrifícios exigidos pelo

grupo se tornam toleráveis porque há uma catexização desse grupo, compreendido por seus integrantes como diferenciado ou superior aos demais, o que justifica o esforço para sustentá-lo.

Para o psicanalista, também nesse nível é importante diferenciar formas *benignas* e *malignas* de narcisismo, embora ele mesmo reconheça que, na realidade, essas formas costumam estar muito misturadas.

Sobre a forma benigna, Fromm (1970, p. 89) esclarece que “na medida em que o grupo grande (...) toma como objeto de seu orgulho narcisista realizar algo valioso nos campos de produção material, intelectual ou artística, o próprio processo de trabalho nesses campos tende a mitigar a carga narcísica”.

Quanto à forma maligna, semelhante ao que ocorre no nível individual, o maior problema reside na falta de objetividade e julgamento racional da coletividade. Isso se converte em autoglorificações narcísicas baseadas em crenças de superioridade baseadas em raça, nação ou religião, por exemplo. Também aqui, a vertente maligna da energia narcísica não tem como motor o fazer ou o trabalho, mas sim uma autoimagem distorcida que, quando ferida gera um desejo coletivo de vingança. Afinal, “o narcisismo ferido só pode ser curado se o ofensor for esmagado e assim ficar desfeito o insulto ao narcisismo da pessoa. Vingança individual e nacional, é frequentemente baseada em narcisismo ferido e na necessidade de ‘curar’ a ferida pela aniquilação do ofensor” (Fromm, 1970, p. 96).

A essa altura, é importante destacar que, para a presente investigação sobre a obra de João Tordo, além da apresentação do narcisismo individual e social presente em *O coração do homem*, interessa-nos particularmente o conceito de hipocondria moral, cunhado por Erich Fromm (1970) e desenvolvido posteriormente por Natalia Carrillo e Pau Luque no ensaio *Hipocondria moral* (2023)

Fromm parte de sua percepção sobre o narcisismo para compreender a hipocondria moral:

A hipocondria moral não é intrinsecamente diferente. Nela a pessoa não teme ficar doente e morrer, mas ser culpada. Uma pessoa assim está constantemente preocupada com sua culpa pelas coisas que fez erradas (...). Enquanto para o espectador – e para ela própria – ela talvez se afigure como particularmente conscienciosa, moral e mesmo preocupada com os outros, o fato é que tal pessoa só se preocupa consigo mesma, com sua consciência, com o que os outros podem falar dela, etc. O narcisismo subjacente à hipocondria física ou moral é o mesmo da pessoa vaidosa... (Fromm, 1970, p. 76).

Carrillo e Luque (2023) retomam esse conceito, deslocando-o do campo psicanalítico para a crítica da cultura, como modo de refletir sobre a contemporaneidade. Para isso, também fazem uma descrição do fenômeno:

O hipocondríaco moral também vive em um estado patológico. Só que, no caso dele, o que está em jogo é, digamos, a sua saúde social. O hipocondríaco moral tem dois traços narcisistas mesclados: por um lado, pensa que é mais importante do que realmente é; por outro, não sabe distinguir entre sentir que agiu errado e realmente ter agido errado (...). Essas características revelam que a pessoa tem dificuldade para distinguir entre seu ponto de vista e a realidade (Carrillo e Luque, 2023, p. 180-182).

E, em seguida, relacionam-no a exemplos considerados emblemáticos, a partir dos quais tecem considerações sobre a hipocondria moral e suas variadas facetas. Compreendida como fenômeno cultural, Carrillo e Luque relacionam a hipocondria moral com diversos aspectos da contemporaneidade, os quais selecionamos e organizamos em tópicos, para facilitar a compreensão:

1) a **sentimentalização da vida pública**, que agora ocupa o espaço da política. A ênfase excessiva em ações que promovem a empatia como qualidade ou métrica institucional desvia o foco do debate político. Essa busca por uma coesão social idealizada e, muitas vezes, inexistente, relega a esfera política a um papel secundário ou irrelevante.

Como exemplo, os autores citam o caso de um jovem vitimado por homofobia na Espanha. Nos protestos que se seguiram ao crime, slogans como “ame quem quiser” ou “*love is love*” dominaram tanto as redes sociais quanto as faixas usadas nas passeatas, evitando o debate central que deveria ser sobre legislação e penalização efetiva da homofobia.

2) a **repulsa à pluralidade e complexidade das emoções**, especialmente a separação rigorosa entre a culpa e outros sentimentos. Uma vida ética, atestam Carrillo e Luque (2023, p. 212), “é aquela em que a obrigação moral é um elemento a ser levado em conta tanto quanto o amor, a ternura, a compaixão, a política, a solidariedade ou a responsabilidade, e é com esses elementos, entre outros, que deve ser contrabalançada”. A esse respeito, os autores apontam a capacidade que certas literaturas têm de promover a “expansão de nossa consciência e dança de nossas emoções e sentimentos” (*Idem*, p. 206), colocando-as em oposição a uma vertente literária que qualificam como hipocondríaca e sentimentalóide.

3) o **narcisismo sádico**, que impulsiona as redes sociais, sempre disposto à proliferação massificada de vereditos automático de culpabilidade. Para essa discussão, os autores retomam as considerações de Mark Fisher no ensaio *Deixando o castelo do vampiro*, de 2013, no qual o crítico cultural expressa indignação pelo conteúdo veiculado nas redes sociais, mesmo de pessoas consideradas de esquerda. Carrillo e Luque interpretam o ensaio de Fisher, embora ele não tenha utilizado essa categoria, como um enfrentamento certo contra a hipocondria moral. A crítica é dirigida aos *vampiros do castelo*, definidos como “pessoas de classe média guiadas pelos vestígios de um narcisismo primário. Acham que tudo gira em torno delas. E que, pelo fato de se sentirem culpadas pelas injustiças do mundo, realmente o são” (Carrillo e Luque, 2023, p. 208). Além disso, “o vampiro do castelo não convida seus pares a refletir, ele os exorta a sentir o mesmo que ele. Foi devorado pela hipocondria moral e não vai parar até que os outros sejam

igualmente atormentados. Seu narcisismo não é apenas patológico, é sádico” (Carrillo e Luque, 2023, p. 208).

4) a **tendência à hiper-reflexão**, comum especialmente nas classes médias, para as quais a busca desenfreada por culpar(-se) não resulta em uma responsabilização correspondente. Para os autores, “a classe média passa mais tempo refletindo porque, em grande parte, muitos de seus trabalhos envolvem reflexão, de uma maneira ou de outra” (Carrillo e Luque, 2023, p. 217). Assim, ao internalizar esquemas de pensamento hiper-reflexivos, as classes médias aplicam essa estrutura em suas análises da realidade sociopolítica e das questões morais. O resultado é a produção de juízos morais também hiper-reflexivos, um terreno fértil para a hipocondria moral. Assim, “em vez de assumir a responsabilidade política, que exige sobretudo tomar medidas e adotar compromissos que envolvem ações dirigidas ao outro, a classe média ocidental se perde em digressões quase metafísicas” (Carrillo e Luque, 2023, p. 215).

Carrillo e Luque concluem seu ensaio, desfazendo um possível equívoco: a crítica à hipocondria moral não deve ser interpretada como um elogio ao cinismo ou como um antídoto contra a responsabilidade moral. Pelo contrário, os autores destacam o valor potencial da culpa quando não desviada patologicamente. Eles atestam que “o sentimento subjetivo de culpa, sem o desvio patológico, pode induzir indiretamente a uma reflexão sobre o que é uma vida que vale a pena ser vivida (...). A hipocondria moral nos deixa à mercê de um moralismo da pior espécie. Já a culpa é uma emoção que (...) pode nos aproximar da ética” (Carrillo e Luque, 2023, p. 221).

### **Um barco chamado *Narcisse***

Publicado em 2022 pela chancela portuguesa da Companhia das Letras e finalista do Prêmio Oceanos no ano seguinte, *Naufração* marca o décimo sexto romance de João



Tordo. A narrativa, conduzida majoritariamente em primeira pessoa, acompanha a trajetória de Jaime Toledo, um escritor consagrado, mas que enfrenta diversos revezes em sua vida pessoal e profissional. Estruturalmente, a obra divide-se em cinco capítulos: O DESERTO, ALICE, O MAR, A TERRA e O CÉU e, embora seja iniciado com uma prolepse que remete ao final do enredo, de modo geral, mantém uma linearidade temporal, à exceção do segundo capítulo, no qual muda-se a perspectiva do narrador.

A narrativa dissecar o esfacelamento da vida de Jaime Toledo. O protagonista enfrenta desde a apatia criativa e a debilidade física, decorrente de um câncer de próstata, até a precariedade material, simbolizada por sua mudança para uma embarcação inoperante no cais do Tejo, após ser despejado de seu antigo apartamento. O clímax de sua derrocada, porém, ocorre na esfera pública: alvo de múltiplas denúncias de assédio sexual, Toledo enfrenta o ostracismo social e literário, além da suspensão das vendas de seus livros.

Faz-se necessária aqui uma ressalva sobre a perspectiva temática da obra. Conforme o próprio João Tordo esclareceu (FnacPortugal, 2022), *Naufração* se define como um *romance de personagem*, e não como uma exploração isolada da temática do assédio. As denúncias, neste contexto, servem como eixo narrativo, impulsionando Jaime Toledo a um profundo questionamento de seus valores, a escolhas drásticas e à reavaliação de suas atitudes, notadamente com as mulheres. A obra tampouco se inclina a soluções fáceis para a redenção do protagonista, como o revanchismo ou a expiação, o que pode frustrar leitores em busca dessas alternativas.

Tendo quase sessenta anos, Jaime se vê obrigado a remoer memórias sobre a forma como tratou diversas mulheres que passaram por sua vida. A princípio, no entanto, sua reação às acusações é de indiferença, o que surpreende e irrita Cláudia, sua editora:

O que nós precisamos de saber é se estas acusações têm fundamento, disse Cláudia.  
Não sei, respondi.

Não sabes?  
 Não me lembro.  
 E da Alice, a primeira?  
 Também não  
 (...) Faz um esforço para te lembrares, sugeriu Claudia.  
 (...) Se estas mulheres dizem que foi assim, eu acredito.  
 Portanto, abusaste dela.  
 De quem?  
 Desta Alice  
 Não me lembro (Tordo, 2022, p. 48).

Jaime se encontra desconectado do mundo a sua volta, tanto do ponto de vista das comunicações quanto do reconhecimento da realidade. Assim, quando ele fica sabendo das acusações, o assunto já tinha se tornado um escândalo público de grandes proporções. Ignorando tudo o que estava se passando em torno de si e diante do interesse de sua editora em resguardar o que restava de sua reputação, Jaime fantasia:

Por um instante, chegou-me um pensamento esperançoso. Ganhei um prémio, fantasiei. O Prémio Camões, ou outro prémio qualquer internacional, num dos muitos países em que os meus livros estavam publicados: o Independent Foreign Fiction Prize; o Prix Médicis Étranger. O Man Booker (...). Num registo ainda mais surreal, também me ocorreu que podia ter sido vítima de um *hacker*, que assaltara meu velho Macbook e publicara *online* o manuscrito de um dos meus romances inacabados (Tordo, 2022, p. 43).

A essa altura do romance, já é possível perceber que o autocentramento narcísico do protagonista se manifesta em dois eixos centrais: no evidente desinteresse pelo mundo exterior e na vaidade dirigida à autoimagem. Jaime Toledo se percebe como um grande escritor, mas demonstra total apatia pelo ato de escrever novos livros, dissociando a catexização atrelada a seu talento de sua efetiva prática criativa. Assim, utilizando os termos de Fromm, estamos diante de uma manifestação narcísica *maligna*.

Especialmente a partir do capítulo O MAR, a postura desinteressada de Jaime vai dando lugar a uma contínua e progressiva hiper-reflexão. Ele vai percebendo em si mesmo

e nos seus colegas, muitos deles também denunciados, atitudes reprováveis no trato com as mulheres. E também percebe que isso estava presente em sua própria obra:

O verdadeiramente espantoso, concluí, com horror, era ninguém, até então, ter tirado as mesmas conclusões sobre a minha obra (...). De repente, as notícias de todos aqueles meses ressoaram em mim como um trovão. Escutar os relatos das outras vítimas, de outros agressores (ambas as palavras me magoavam ainda), permitia-me olhar em retrospectiva para minha própria história (...). Maria Rita dissera, com acerto, que eu era um egocêntrico, mas também era verdade que a arte mais feroz nascia desse egocentrismo doentio” (Tordo, 2022, p. 101).

Assim, a hipocondria moral se instala avassaladoramente na personagem, o que faz com que ela gradativamente vá se enclausurando em si e na sua culpa. Sua postura, portanto, é conscienciosa, apesar do desvio patológico. É bem diferente da posição de outras personagens que, clinicamente, preferem a negação da culpa. Nesse sentido, é particularmente elucidativa o diálogo travado entre Jaime e um colega pintor chamado Rafael:

Não sei, *tenho estado a pensar no assunto e a lembrar-me do passado*, respondi, e é difícil tirar uma conclusão definitiva, não se trata de crime, nenhum juiz nos condenaria, e tu sabes, trata-se de outra coisa, muito mais importante do que a legalidade, trata-se de pessoas que sentem aquilo que nós, se calhar, nunca sentimos. O quê? Invidados, com medo do outro, respondi (...). Que estupidez! Gritou, indignado, não eram crianças nenhuma. (...) A porta do meu estúdio sempre esteve aberta, ripostou, A porta da casa de um marido que bate na mulher também costuma estar. Ah, agora também sou responsável pelos que batem nas mulheres? Claro que não, amenizei, tentando que Rafael se mantivesse calmo (...), mas *talvez ajude pensarmos em nós como uma espécie de carcereiros involuntários* (Tordo, 2022, p. 105-106, grifos nossos).

A hipocondria moral de Jaime Toledo estrutura um narcisismo negativo, impelindo-o a se posicionar simultaneamente como acusado, juiz e carcereiro de si mesmo. Essa tríade demonstra que o único julgamento que lhe interessa é o próprio. Neste tribunal interno, não há espaço para vítimas, provas ou possibilidade de reparação. Essa exclusão

da esfera pública justifica-se, conforme apontam Carrillo e Luque, pela forma como a hiper-reflexão hipocondríaca relega a esfera pública aos vaticínios do sentimento privado.

Em contraste ao autocentramento do protagonista, o romance *Naufrágio* efetua uma robusta contextualização na realidade histórica. Essa ancoragem manifesta-se em dois vetores: na voz concedida à perspectiva de Alice em seu capítulo epônimo, e na referência explícita ao movimento #MeToo, em cujo rastro Jaime se torna o primeiro acusado em Portugal. Dessa forma, a conduta do protagonista é examinada sob a luz das formas de violência de gênero que emergiram de um longo período de silenciamento.

Sobre isso, Jablonka (2021, p. 15) aponta que:

O movimento #MeToo (...) mostrou que a definição do masculino exigia debate. Ele levou homens a se questionarem sobre violência sexual (...). Por que tantos abusos, assédios e estupros, em meio à indiferença ou à tolerância surda? Onde situar a linha vermelha para além da qual nos tornamos pequenos ou grandes Weinstein? Somos sedutores ou canalhas? As mulheres não devem mais se questionar, se torturar a respeito de suas escolhas de vida (...). Os homens é que devem recuperar o atraso da marcha do mundo. Eles é que devem se interrogar sobre o masculino, sem subscrever à mitologia do herói dos tempos modernos, que merece uma medalha porque aprendeu a usar a máquina de lavar roupa.

É fundamental destacar que a discussão proposta pelo enredo não se direciona para o campo jurídico da responsabilização criminal, tampouco aborda o tribunal midiático e das redes sociais (os 'vampiros do castelo', na ilustração de Fisher), ambiente do qual o protagonista se mantém distante. O processo de responsabilização central do romance é o que se desenrola no campo da própria consciência de Jaime Toledo, um caminho árduo, repleto de contradições e retrocessos.

Cada vez mais absorto em sua hiper-reflexão, Jaime intensifica sua incomunicabilidade, isolando-se de sua já limitada vida social e evitando até mesmo o contato com parentes. Seu mundo restringe-se ao pequeno barco sem motor denominado

*Narcisse*, nome carregado de simbolismo. Contudo, suas reflexões priorizam a culpa em detrimento da responsabilização efetiva:

temia exageradamente a reação exterior, *imaginar o que os outros pensariam de mim deixava-me paralisado*, e, portanto, ao invés do escritor destemido e temerário que desejara ser, dedicava-me a fazer uma espécie de ficção apologética.

Quando penso nos meus livros, penso que, na realidade, escrevia para ensaiar diferentes maneiras de pedir desculpas. *Foi o que sempre senti, que precisava de ser perdoado, até nos primeiros anos, quando nada fizera que carecesse de perdão* (Tordo, 2022, p.214, grifos nossos).

As partes destacadas no trecho acima evidenciam de forma clara as principais características do narcisismo e de sua versão hipocondríaca no protagonista: de um lado, os outros são reduzidos a espelhos que deveriam refletir sua autoimagem; de outro, uma culpa fantasmagórica, isolada de qualquer outro sentimento, que serve como justificativa para que o ego colapsado se refugie em uma tristeza profunda.

Em outro trecho fica evidente que, embora o protagonista consiga perceber as limitações e contradições da hipocondria moral em si e no mundo a sua volta, ele não encontra uma saída:

O problema é que, nesse mundo novo, de julgamentos sumários e definitivos, não existe lugar para admitirmos que, por vezes, ou muitas vezes (...), acabamos por magoar e desiludir os outros (...). Portanto, posso persistir em castigar-me até morrer, ou então aceitar que, nesta idade avançada, a única coisa que me resta é ter alguma esperança.

Esperança em quê?

(...) Esperança de vir a ser perdoado, concluí.

Por quem?

*Por toda a gente*, quis dizer, mas seria uma contradição. Por Deus, ocorreu-me, então, o deus no qual não acreditava, o deus de Romano (...). Não há solução, finalizei (Tordo, 2022, p. 194-195).

Em meio à ruína de sua vida, Jaime Toledo, em busca de perdão, inicia uma reaproximação com Alice – a primeira mulher a denunciá-lo no Twitter. O leitor acompanha os encontros no *Narcisse*, a pequena embarcação em que ele passa a morar, até

que a relação evolui para a intimidade: “essa foi a primeira de muitas noites que Alice passou no barco, deitada ao meu lado, aninhada nas mantas de Ren, por vezes de cabeça pousada no meu peito” (Tordo, 2022, p. 251).

Na sequência, Jaime cede à oferta de sua editora para participar, ao vivo, de um popular programa de TV sensacionalista. Essa entrevista, sua primeira aparição pública depois das acusações, seria a maneira de iniciar a recuperação de sua imagem. O acordo implícito, cuidadosamente orquestrado entre a editora Claudia e a apresentadora Brígida, era simples: bastaria parecer arrependido para que ele recuperasse parte de sua reputação e, em troca, o programa agradaria à audiência, sedenta por esse espetáculo midiático.

Sua participação, no entanto, é desastrosa: acuado e irritado, Jaime se recusa a encenar o papel que todos esperavam dele. Ele se nega a proferir o pedido de desculpa absolutamente artificial, um roteiro que tantas celebridades caídas em desgraça já haviam seguido. Assim, Brígida aumenta a pressão sobre ele para extrair a confissão de culpa e arrependimento:

é público que Nina Simões foi uma das mulheres que o acusou de assédio em 2017, quer contar-nos a sua versão dos factos? (...) Foi há muitos anos, respondi, o que quer que tenha acontecido, arrependi-me profundamente. Gostava de pedir desculpas? A quem? Aos portugueses, disse ela, apontando para a câmara. Eu não fiz mal nenhum aos portugueses. Ficava-lhe bem, insistiu. Também seria descabido, contestei (Tordo, 2022, p. 298).

No desfecho da entrevista, Brígida surpreende Jaime ao introduzir no programa a vítima original: a verdadeira Alice. Essa aparição constitui o ponto de viragem do romance, pois revela ao leitor que parte significativa da vivência do protagonista no *Narcisse*, incluindo a Alice que ele inventara para si, não passava de uma alucinação (uma das alternativas ao narcisismo, conforme Fromm). Diante da materialidade do real, Jaime,

atônito e incapaz de reconhecê-la, foge desesperadamente para evitar o colapso de seu universo interior e a quebra de seu espelho narcísico em pleno programa de TV ao vivo.

A pressa de Jaime em sair do estúdio é, na verdade, a urgência de se apartar do contato humano, de colocar o *Narcisse* em alto mar e de estar à deriva diante de um naufrágio iminente. Assim, o romance completa sua trajetória: o realismo inicial é sucedido pela alucinação do narrador autodiegético, culminando em uma narrativa alegórica, que já se anunciava pelo título da obra.

### **A complexidade da vida moral**

Nas últimas páginas de *Naufrágio*, quando a voz em primeira pessoa se intercala com a terceira e o enredo é reposicionado como sendo parte do novo e derradeiro romance de Jaime Toledo, um narrador distanciado e compassivo reflete sobre os acontecimentos do romance, sobre o protagonista e especialmente sobre a condição humana:

Às vezes, inventamos o mundo, não é? Ele aconteceu tal como acontece, dizemos, mas esse lugar é enformado pela nossa dor. Quantas vezes nos lembramos de alguma coisa que, sonhada, imaginada, se tornou real, as suas feridas e cicatrizes ainda presentes no nosso coração (...). Podemos dizer que um homem está enganado, mas não podemos dizer-lhe que o que sente é falso. Ele não entenderá; (...) pois ele acredita na verdade a que chamam “delírio”, crê na presença a que outros chamam ausência. (Tordo, 2022, p. 311)

No parágrafo final, surge uma última reflexão que resume o modo como se combate a hipocondria moral no romance: “acabou de descobrir que, ao fantasiar o seu perdão, fantasiou também a sua culpa, acabou de perceber que vimos a este mundo para errar, para errar uma e outra vez, e, por fim, quando julgávamos não poder mais, erramos novamente” (Tordo, 2022, p. 316-317).

Em vez de o romance ressaltar pedagogicamente a culpa, o julgamento, a punição ou o perdão, como modo de oferecer ao leitor uma catarse banal para as atrocidades cotidianas cometidas por homens contra mulheres, *Naufração* põe em evidência o erro.

Para aqueles que acreditam que a moralidade se expressa a partir do reino das virtudes perfeitas (mutação dos *vampiros* que também se encastelam no meio acadêmico) e que a literatura deve necessariamente redimir os oprimidos, este romance seria questionável ou mesmo reprovável. Isso ocorreria por dois motivos: ele não aponta caminhos claros para o enfrentamento da violência contra as mulheres e, além disso, elege um agressor como protagonista.

Para Luque, no entanto,

Eles negam a possibilidade de a moralidade ser expressa em termos de virtudes imperfeitas, ou seja, não deixam espaço para a arte expressar, explorar ou comparar compaixão, nobreza ou generosidade, todas elas emoções e fenômenos compatíveis com diferentes graus de imoralidade. Para aqueles que acreditam no perfeccionismo, toda obra deve aprovar ou desaprovar, consciente, inconsciente ou subconscientemente, um certo comportamento ou uma determinada ideologia ou visão de mundo. (Luque, 2020, p. 19-20, tradução nossa do original em espanhol)

Bem ao contrário disso e igualmente distinto da postura compassiva do pensamento conservador, em *Naufração*, o leitor compreende o erro como um vetor inerente à vida moral, que é, por natureza, complexa. É crucial enfatizar que a presença de dilemas éticos no romance não significa reduzi-lo a esse aspecto nem o equiparar a um tratado de moral. A própria filosofia reconhece a literatura como uma expressão com meios e finalidades distintos para a discussão moral. Como resume Santos (2016, p. 67),

o auxílio da literatura à filosofia moral se dá à medida que conduz os sujeitos a apreenderem determinadas questões morais menos evidentes numa abordagem ensaística tradicional. Aspectos como a visão, a atenção ao outro, a imaginação, a metáfora da moralidade como uma peregrinação em direção à realidade, que ampliam o registro moral para além das preocupações com a escolha de ações “boas” e “más” são mais visíveis em textos literários do que filosóficos.



Para nossa discussão, no entanto, mais importante que isso é compreender que:

Uma obra narrativa pode ter virtudes morais sem fingir exaltar a justiça. (...) tendo a olhar com desconfiança as tentativas intelectuais (sem falar nas tentativas anti-intelectuais) de codificar a vida moral dos seres humanos em categorias simples, unívocas, absolutas, harmoniosas e perfeitas. A vida moral dos humanos é *complexa, ambígua, contraditória, plural, imperfeita* (Luque, 2020, p. 20, tradução nossa do original em espanhol, grifos nossos).

Complexidade, ambiguidade, contradição, pluralidade e imperfeição também são marcas recorrentes das personagens de João Tordo, perceptíveis em vários de seus romances e, muitas vezes, acarretam em solidão e melancolia.

Em outros romances, a atenção com o outro funciona como o motor capaz de resgatar personagens à deriva<sup>3</sup>, mas o adoecimento narcísico de Jaime Toledo o paralisa em torno de um ego que busca inutilmente amparo em si mesmo. Neste sentido, compreendemos que a hipocondria moral que atormenta Jaime Toledo, e que o impede de refigurar sua autoimagem após a quebra do espelho, é a verdadeira antagonista de *Naufrágio*.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Bruno Mazolini de. No tempo e território da escrita: entrevista com João Tordo. *Navegações*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 186–188, 2019.
- CARRILLO, Natalia; LUQUE, Pau. Hipocondria moral. *Serrote*. Instituto Moreira Salles, São Paulo, n. 44, jul. 2023, p. 174-223.
- FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer. “Masculinidades ambivalentes em romances contemporâneos: *Diário da queda*, *Naufrágio* e *Os substitutos*”. In: FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer; SOUSA, Larissa Lacerda de (Org.). **Dez ensaios sobre a ficção contemporânea**. Cajazeiras: Arribaça, 2025, p. 68-94.

<sup>3</sup> Por exemplo: a atenção do protagonista pelo poeta Saldaña Paris e pela história de Teresa, em *Biografia involuntária dos amantes* (2017) – romance no qual Jaime Toledo aparece pontualmente em dois momentos (na juventude, como um rapaz gago, magro e tímido, e na vida adulta, como um escritor de sucesso); e o cuidado de Natasha e de Susan Krause com George em *O nome que a cidade esqueceu* (2023). O impacto dessa atenção ao outro é bem ilustrado em um trecho da carta de Susan para Natasha, neste último romance: “mas quero dizer-te que, da mesma maneira que George mudou minha vida, tu mudaste a dele. As pessoas mudam-nos. Fazem-nos despertar. Não lhes podemos imputar responsabilidade por isso.” (Tordo, 2023, p. 363)

FISHER, Mark. Deixando o castelo do vampiro. **LavraPalavra**. 2017. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2017/02/01/deixando-o-castelo-do-vampiro>. Acessado em 18/11/2025.

FNACPORTUGAL. **BOOK TALKS**: Naufrágio, de João Tordo. YouTube, 2022. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <https://youtu.be/m4ef0eoISgU>.

FORNOS, José Luís Giovavoni. Reflexões sobre personagens melancólicas: um olhar sobre o romance de João Tordo. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, [S. l.], v. 41, n. 65, p. 67–82, 2024.

FORNOS, José Luís. Reflexões sobre personagens melancólicas em biografia involuntária dos amantes, de João Tordo. **Revista Leitura**, [S. l.], n. 68, p. 310–318, 2021.

FROMM, Erich. **O coração do homem**: seu gênio para o bem e para o mal. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos**: do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.

LUQUE, Pau. **Las cosas como son y otras fantasías**: moral, imaginación y arte narrativo. Barcelona: Anagrama, 2020.

SANTOS, Alessandra Lessa dos. **Contra a aridez**: Iris Murdoch e o papel da literatura na filosofia moral. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

TORDO, João. **Biografia involuntária dos amantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TORDO, João. **Naufrágio**. Lisboa: Companhia das Letras, 2022.

TORDO, João. **O nome que a cidade esqueceu**. Lisboa: Companhia das Letras, 2023.

RECEBIDO EM: 28 de novembro de 2025  
APROVADO EM: 12 de dezembro de 2025  
Publicado em dezembro de 2025